

CORPO – RIO

O processo de criação como travessia

CUERPO – RÍO

El proceso creativo como travesía

Jhonatan Machado Rios, PPGAC UFU¹

RESUMO

A presente proposta investiga as relações entre corpo, cena e espiritualidade, examinando a experiência corporal como caminho para a expressão autêntica, o autoconhecimento e a conexão com o presente.

A partir da concepção, criação e reverberações do trabalho cênico *RIO – travessia*, a escrita articula elementos do processo criativo às metáforas do rio, compreendido como princípio organizador, poético e estrutural. O objetivo é investigar de que modo práticas corporais, performativas e ritualísticas podem mediar a expressão humana em sua totalidade, integrando dimensões físicas, emocionais, simbólicas e espirituais.

A metáfora do rio, enquanto elemento fluido e mutável, opera como eixo para refletir sobre os fluxos da criação, os estados de passagem e os processos de transformação que atravessam o corpo em cena, evidenciando a espiritualidade como exercício de presença, escuta e abertura sensível ao mundo.

Palavras-chave: Corpo; espiritualidade; processos criativos; teatro; dança.

¹ **Jhonatan Rios** mestrando em artes cênicas pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia, orientado pelo Professor Pós-doutor José Eduardo de Paula. Bolsista pelo Programa CAPES (2025-2026). Artista cênico desempenha funções como ator, bailarino, diretor e coreógrafo desde 2004. Atualmente Diretor Geral do Centro Cultural Casa It e Cia It, e professor de balé clássico pela Prefeitura Municipal de Uberlândia. E-mail: contatojhonatanrios@gmail.com

RESUMEN

La presente propuesta investiga las relaciones entre cuerpo, escena y espiritualidad, examinando la experiencia corporal como un camino hacia la expresión auténtica, el autoconocimiento y la conexión con el presente.

A partir de la concepción, creación y reverberaciones del trabajo escénico RIO –travesía, la escritura articula elementos del proceso creativo con las metáforas del río, comprendido como principio organizador, poético y estructural. El objetivo es investigar de qué modo las prácticas corporales, performativas y ritualísticas pueden mediar la expresión humana en su totalidad, integrando dimensiones físicas, emocionales, simbólicas y espirituales.

La metáfora del río, como elemento fluido y mutable, opera como eje para reflexionar sobre los flujos de la creación, los estados de tránsito y los procesos de transformación que atraviesan el cuerpo en escena, evidenciando la espiritualidad como un ejercicio de presencia, escucha y apertura sensible al mundo.

Palabras clave: Cuerpo; espiritualidad; procesos creativos; danza; teatro.

Nascente

Figura 1



Figura 1- Foto Thaneressa Lima (2024) - Apresentação do espetáculo RIO-travessia em novembro de 2024 na sede da Trupe de Truões em Uberlândia - MG;

#paratodomundover - Na imagem aparece um chão com desenhos de linhas e traços, um pé aparentemente molhado e parte de uma calça bege com desenhos e formas pintadas.

Todo rio nasce de uma fonte discreta. Às vezes, é apenas um fio d'água que brota entre as pedras, quase imperceptível, mas que já anuncia a potência de um curso que seguirá seu caminho até o mar. Assim também nasce esta pesquisa: de uma nascente íntima, onde corpo, dança e espiritualidade se entrelaçam em um mesmo fluxo de transformação.

Corpo-rio: o processo de criação como travessia é uma investigação que parte da experiência vivida para compreender a dança como caminho de autoconhecimento e travessia interior. O percurso se desenvolve a partir da criação do espetáculo *RIO – travessia* (2024)², concebido como um rito cênico no qual o corpo se reconhece simultaneamente como natureza e como território de passagem do sagrado.

² Link para o espetáculo na íntegra: <https://youtu.be/184FILI6tC4>
(apresentação realizada dia 09 de novembro de 2024 na sede da Trupe de Truões em Uberlândia-MG)

Vivências cotidianas, anotações, ensaios, processos criativos e apresentações compõem o material poético desta escrita. A linguagem que conduz o texto busca a fluidez do rio. O estudo se inscreve, portanto, em uma perspectiva epistemologia experiencial, sensível e performativa que reconhece o corpo como produtor de conhecimento, compreendendo o processo criativo como espaço legítimo de investigação. O fazer artístico é aqui entendido como pensamento em ato, no qual o corpo, a memória e a experiência sensível constituem não apenas o objeto, mas o próprio método de investigação.

Eu me chamo rio. Sou rio. Rio em mim. Rio de mim. Represo e corro. Caio e desço. Escorro nas pedras, nos corpos, nas frestas. Vivo a margem em infinita confluência. Riacho. Córrego. Correnteza. Cachoeira.

Existe então, o momento presente, o único ponto de contato real com a realidade. O passado é coleção de memórias moldadas e, por vezes, distorcidas pela percepção; o futuro, projeção de esperanças e medos. O presente é um ponto fugaz, prensado num piscar de olhos.

“O passado já não existe mais e o futuro ainda não aconteceu. Tudo o que nos resta é o presente, prensado num piscar de olhos. Seria o presente um segundo? Seria um nanosegundo? O presente é o ponto de uma reta que, quando observado do microscópio, nunca se conecta com o outro ponto porque há sempre um menor que lhe usurpa a ocorrência. O presente é real, mas não tem tempo para ser celebrado, pois já se fez passado.”
(BONDER, 2023. P. 15.)

O agora, este instante fugaz e eterno, é onde a vida verdadeiramente acontece. É no presente que faço escolhas, que ajo, que amo e que experimento a plenitude do ser. Aprender a habitar o momento presente, com atenção plena e aceitação, tem sido um dos maiores desafios e, ao mesmo tempo, uma das maiores dádivas dessa jornada.

Completo 36 anos em 2026. Hoje, percebo-me rio. Observo o rio em mim. Sento ao lado de mim mesmo e escuto o fluxo correr. Ele (eu) tem falado comigo.

Jhonatan, ou parte de mim mesmo, nasce e cresce em meio à natureza, correndo descalço na terra, subindo em árvore. Andando nos pastos para ver o céu e o sol. Admirando as estrelas e a lua cheia. Banho de lagoa e rio, pescaria em barragens. Leite quente direto do peito da vaca, com direito a chocolate e o frio da madrugada. Saí da roça e fui para a cidade, me envolvi com a dança e dela fui para o teatro. Segui para universidade, curso superior. Vida fluindo, informações e mais informações. Formado fui experienciar. Aulas, grupos, direções, montagens e espetáculos. Chego e me pergunto para que? Como posso ajudar?

Cansado de corpos sem vida, olhar sem verdade. Em mim e no outro. Adentro um caminho sem volta: Conhecer a mim mesmo. Conhecer as várias dimensões de mim. O eu que mora em mim e faz parte do todo. Que em tudo está.

Entre processos de cura com medicinas sagradas, meditações e estudos de respiração e presença, caminho aprofundando o sentir e o perceber com clareza os meus dias e como percorro os nano segundos diários de manifestação. Tenho me perguntado sobre a relação desses corpos que vivem em mim. Corpo cósmico que sou, que dança, cria e interage com outros seres cósmicos dentro dessa grande jornada. Quero redescobrir pela beleza da arte como reviver todos os dias o Si-mesmo³ que habita em mim. Sentir o fluxo do rio e percorrer os meus caminhos. Esmiuçar e estruturar ideias. Construindo um ser que manifeste toda potência de ação para um mundo melhor. Percorrendo por planícies e montanhas, brejos e cachoeiras, rios e mares, a ancestralidade não se reduz à memória do passado, mas se afirma como continuidade viva da relação entre corpo, território e Terra. “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.” (Krenak, 2019, p. 10).

O rio é doce, é limpeza. É Oxum. É a capacidade de se adaptar e renovar. É o cuidado da mãe, que nutre o corpo e o espírito. É fonte de vida e sustento. Quando

³ O termo Si-mesmo, na Bhagavad Gītā, refere-se ao Ātman ou Paramātmā, compreendido como a essência eterna, imutável e universal que habita todos os seres. A obra descreve o Si-mesmo como princípio indestrutível e não sujeito ao nascimento ou à morte (Vyāsa, 2018, cap. 2, v. 20–25), como experiência acessível por meio da interiorização e da prática meditativa (Vyāsa, 2018, cap. 6, v. 20–23; 29–30), como presença divina no coração de todos os seres (Vyāsa, 2018, cap. 10, v. 20; cap. 18, v. 61) e como consciência que observa o corpo entendido como “campo” de manifestação (Vyāsa, 2018, cap. 13, v. 2; 22–28).

olho para as águas de um rio, encontro respostas de dentro e contemplo a própria existência. Aprendo que o passado, o presente e o futuro coexistem.

O mergulho neste rio é turvo, sutil e metafórico. Expressar o subjetivo em palavras é como tentar segurar o vento com as mãos, é desafiador, mas quando se percebe com as sutilezas da realidade, adentrando lugares além da razão, se torna um caminho repleto de beleza.

Figura 2



Figura 2- Foto Thaneressa Lima (2024) - Apresentação do espetáculo RIO-travessia em novembro de 2024 na sede da Trupe de Truões em Uberlândia - MG

#paratodomundover Na imagem duas arquibancadas com público colocadas uma de frente para outra, no meio das duas arquibancadas uma lona no chão com alguns desenhos de linhas e riscos, dando a ideia de rios desenhados, no canto de baixo central tem uma bateria montada e uma mulher sentada tocando algum instrumento. Ao centro da imagem um homem deitado fazendo algum movimento.

Leito

Eu sou Jhonatan. Jhonatan Machado Rios

Ao menos me apresento assim em alguns lugares, noutros lugares nem nome tenho, mas já me chamaram também de Dontão, Jhony, Jhon, Ou, Menino, Bixa, Pretim, Aquele Altão, Menininha, e assim seguiríamos. Mas não é apenas sobre meu nome. Também é meu nome, e tudo que percorre em mim.

Sempre tive uma alegria muito grande de estar ao lado de um rio. Poder mergulhar nas suas águas. Desde muito cedo, percebo que minha relação com os rios ultrapassa a simples experiência da paisagem. Ainda criança, eu me reconhecia tomado por uma alegria quase inexplicável ao estar à beira de um curso d'água: observar sua fluidez, ouvir o movimento constante, sentir o frescor que atravessa o ar e, sobretudo, mergulhar.

Hoje revisitando essas memórias e os percursos que me constituem, percebo que o movimento de mergulhar em um rio sempre foi também uma metáfora do mergulho em mim mesmo. Essa possibilidade, embora sempre presente, nem sempre esteve acessível de forma consciente. Foi, está sendo e será preciso tempo, escuta e maturação para reconhecer que o rio exterior e o rio interior dialogam, atravessam-se e, por vezes, se confundem em um fluxo uno e contínuo.

Atravessando minha trajetória pessoal, artística e espiritual nesse curto espaço de tempo, descubro aos poucos que estar ao lado de mim mesmo é um gesto que se aprende, tal como se aprende a reconhecer a correnteza, a temperatura e a profundidade de um rio. Hoje compreendo que minha vida se organiza em torno dessa busca: tornar o mergulho cada vez mais lúcido, sensível e presente. Ao voltar ao início, à nascente da minha própria história, encontro no rio a imagem que me acompanha e que orienta o percurso.

Nesse percurso, venho buscando construir um ser capaz de manifestar a potência de ação para um mundo mais sensível e mais justo. Carrego em mim uma longa linhagem: ancestralidades que caminham por planícies e montanhas, que atravessam brejos e cachoeiras, rios estreitos e mares abertos.

Ao adentrar com humildade e compaixão os caminhos sutis da espiritualidade, passo a reconhecer em mim o desejo como força geradora, aquilo que cria e recria a cada instante. O desejo que agora me atravessa é o de lapidar esses corpos e esses estados, como um artesão que, pacientemente, revela a forma contida na matéria. Para permitir que siga se transformando, obediente e no mesmo espaço de tempo subversivo ao fluxo que nunca cessa. Nesse lugar, estudar a cena torna-se uma possibilidade de permitir que o todo se manifeste através de mim. A cena como espaço de escuta, achando *formas de reaprender a ouvir a terra* (Krenak, 2020) e de passagem, sendo um *estado limiar em que o conhecimento emerge da experiência vivida*. (TUNER, 2005).

Aproximo-me dessa lógica relacional, na qual o corpo deixa de ocupar um lugar de centralidade individual para tornar-se atravessamento, passagem e escuta do mundo. É no atravessamento que a cena se configura como rito de passagem, no qual as categorias habituais de identidade se suspendem e o conhecimento emerge da experiência vivida, sensível e encarnada. Nesse estado permitir que o rio se manifeste no corpo, dissolvendo fronteiras entre sujeito e ambiente, arte e vida. Já sem escolhas, o rio quer passar por aqui. E meu desejo é sentir e observar.

Aqui no território de passagem me vejo ali correndo no terreiro, brincando na lagoa, vendo a lua e admirando as Três Marias. No estado do “entre”, já deixo de ser o que era, mas também não sou o que serei, um lugar indeterminado. Um lugar onde, por instantes, deixo de ser Jhonatan para tornar-me RIO, corpo em fluxo, presença em devir.

Devir-rio.

A foz: Rio- travessia

Era chegada a hora de criar terra firme, como condição para que o rio pudesse existir em mim com continuidade e sentido. Eu me via à beira do rio, nesse espaço sensível onde a água encontra a margem. A estrutura surgia, uma arquitetura mínima capaz de sustentar.

O projeto R.I.O., aprovado pela Lei Paulo Gustavo no âmbito da Secretaria Municipal de Cultura da cidade de Uberlândia, representou um marco decisivo no processo, além de ser pelo reconhecimento institucional, mas também pela potência concreta de tornar possível a remuneração justa de toda a equipe envolvida. Essa aprovação instaurou um campo ético e político no qual a criação artística pôde acontecer de forma digna, afirmando a produção cultural como trabalho remunerado.

O vínculo com o Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, aliado a bolsa de pesquisa, ofereceu o sustento necessário para que a pesquisa de *“Rio-travessia”* pudesse correr com paciência, maturação e harmonia, sem a urgência da sobrevivência imediata que tantas vezes interrompe os processos criativos.

Corpo/mente sustentados e amparados, iniciamos: Na proposta Cassio Machado para direção, Amanda Lourenço como musicista, Marize Piva para coreografia, Narciso Telles para dramaturgia, Adriel Parreira para montar um plano de iluminação e operação, Ernane Fernandes para pensar o cenário e Leticia Pinheiro para o figurino.

Processo de observar e permitir.

Sinuosidade e harmonia.

O momento da criação se coloca como um grande mistério, e aí que reside sua força. Há camadas que permanecem veladas, sustentando o indizível; outras se deixam entrever aos poucos; e ainda aquelas que se revelam com intensidade, pedindo forma.

Acontece nesse campo sensível do “entre”, onde as referências habituais se rarefazem e a experiência se reorganiza a partir do vivido.

O processo de construção do acontecimento⁴ Rio-travessia nasce junto com o desejo de me conhecer e me perceber enquanto ser vivo. Ele atravessa o percurso da minha vida, misturando-se às minhas origens, às lembranças que ficaram nítidas e às que permaneceram ou permanecerão veladas, por esquecimento, silêncio ou escolha.

Ao chegar ao local de ensaio, deixar o chão limpo. Criar um gesto ritual, preparar o espaço, chegar no horário, reconhecer o lugar antes de ocupá-lo. Dar tempo para a chegada. Dar tempo para que os corpos se achem, se reconheçam, se acomodem em mim. O início do trabalho pede essa escuta: um tempo de desaceleração, de presença e de assentamento.

Partimos da criação do mundo. A gênese. Partimos da explosão inicial. O que vem após a explosão? Perceber o vazio. Perceber o vácuo da existência. Do vazio surge tudo. Do silêncio emergem os elementos. Terra, fogo, água e ar. Cada elemento inaugura um estado, uma qualidade de presença, um modo de existir no corpo.

Aos poucos Cássio conduzia o meu corpo por um trajeto criativo, reacendo a presença. Exercícios onde o corpo ia ganhando forma, ia ocupando o espaço, a respiração se tornando consciente. A própria consciência se expandindo. Ia me alargando, atravessando camadas sutis da percepção. Corpo vazado, furado, esburacado.

O corpo experimenta esses estados, atravessa os elementos, constrói seu percurso até tornar-se rio. O rio enquanto curso d'água que corre sobre a terra, e também em suas metáforas, em suas reverberações enquanto ser vivo, fluido e em constante transformação. Um corpo que aprende com o fluxo, com o tempo, com a escuta do terreno que atravessa.

Sentir água. Corpo-rio. Corpo-água. Um corpo que se move sem rigidez, que encontra caminhos, que contorna, infiltra, insiste. Um corpo que carrega memória e, ao mesmo tempo, se renova a cada instante. Lembro da lua cheia na fazenda, do corpo interagindo com a natureza. Do sol queimando levemente a pele.

⁴ “Por que eu acho que o trabalho é muito menos um espetáculo, mas um acontecimento, acho que a gente precisa olhar algumas obras não na ideia de espetáculo, mas ele é um acontecer no intérprete, um acontecer que é compartilhar.” (Entrevista com Narciso Telles Dramaturgista, realizada em novembro de 2025)

Para chegar aos estados de consciência ampliada, era preciso abandonar. Abandonar tensões, excessos, formas cristalizadas. Preparar o corpo. Dilatar o corpo. Perceber as moléculas respirando, o ar circulando, a matéria se reorganizando. Construir um corpo esponjoso, poroso, disponível. Um corpo que recebe e deixa passar, que sustenta o fluxo sem interrompê-lo.

De pé com os olhos fechados, respirando e percebendo a energia que entra pelos pés e poros a cada inspiração, e a energia que compartilho com o próprio espaço a cada expiração. Compor com o espaço, pertencer ao espaço. Cássio dizia:

- Abre o topo da cabeça. (Cássio fazia um som de estalar a língua na boca)
- Abre o períneo, destampa. (repetia o mesmo som)
- Sente o fluxo de energia passando pela coluna.”

Marize dançou comigo. Mergulhou ao meu lado. Cássio guiando o caminho.

Figura 3

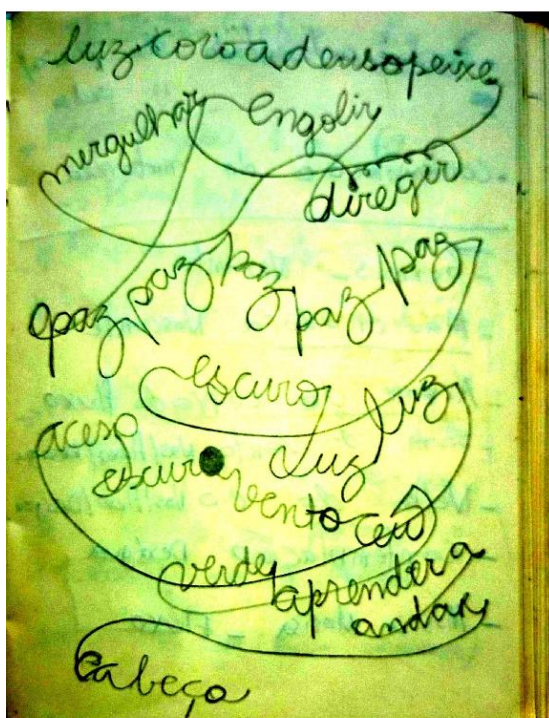


Figura 3 - Registro da escrita em fluxo realizada por Marize Piva em maio de 2024.

#paratodomundover Na imagem uma foto de uma anotação com os escritos “mergulhar, engolir, paz, escuro, luz, vento, verde, aprender a andar, cabeça, digerir, coroa, deus, o peixe” de forma livre pela folha e com linhas que ligam as palavras.

Transitando entre níveis de percepção da consciência através do próprio movimento, utilizando da imaginação me transformava em água, chuva, rio, vento, brisa. Às vezes tempestade, furacão, vulcão, fogueira, brasa, pedra, rocha, terra. Descobrindo a potência de poder ser criador, e transitar por dimensões outras. Construir florestas, galáxias, sistemas de planetas. As voltas que compõe a existência e a experiência. Se unir ao todo e ser um. O movimento e eu somos um. Pequenas faíscas surgem. Relâmpagos. Frestas de luz direcionando um caminho.

Figura 4



Figura 4 - Foto Chris Simmons (2024) - Processo de criação do espetáculo RIO – travessia.

#paratodomundover – Na imagem em preto e branco um homem dançando com as mãos levantada altura do peito e com a cabeça inclinada para cima, ele veste uma calça preta florida uma camiseta regata.

Escrita em fluxo 1⁵

Me passa o sol correndo dentro do meu corpo. Sangue veias e ossos. Corre o rio por mim, percorre o sangue, corre a água, o ar. Que pulsa a vida que emerge. Chão preto e teto. Cordas, pescoço. O tempo de cada coisa acontecer, o ritmo dos acontecimentos, o nascer da vida, a esquizofrenia do desejo. Que nada sabe. Existe um em tudo. Existe o um.

O Eu Sou, dança que passa no ar, movimento que percorre em mim. A necessidade de desaguar no mar, o infinito que se junta ao cosmo.

Já começo? Quando começa? Onde termina? Tem meio? Onde? Qual tamanho é? É de pegar?

O olho que turbulento cruza o ar, rarefeito e comprimido. Compressão. Torcer.

Torcida. Espiral, espiralado, DNA, eu, mãe, Vó, bisavó, tataravó... o passado o presente, o futuro. A presença.

Estava dentro do rio, já nem sabia quem era rio e quem era eu. Isso é se algum eu existia em mim. Fundiu-se num fluxo de coisas. O corpo se amplia. A percepção se expande para além da pele, alcançando camadas mais sutis. A consciência se dilata, criando um estado de presença atento e poroso.

Constrói-se, então, a relação com as direções: norte, sul, leste e oeste. O corpo se orienta no espaço, reconhece seus eixos, estabelece vínculo com o entorno. Nesse alinhamento, dissolve-se no todo e cria. Algo começa a brotar. Há um chamado silencioso: a água há de passar por aqui.

Existe um ponto silencioso onde céu e terra se tocam, e esse ponto é o corpo. Como fio condutor, eixo sensível por onde as forças circulam. Na experiência do corpo presente, percebo que aquilo que brota do chão — o peso, a densidade, a memória ancestral — dialoga com o que desce do alto. A energia sobe pelos pés, atravessa ossos, músculos e respiração, encontra o coração, expande-se e se oferece ao céu;

⁵ As escritas em fluxo eram momentos após o trajeto criativo, onde Cássio pedia para escrever de forma fluida e sem pausa. Momentos onde era possível descarregar sensações e percepções do próprio trabalho.

e do céu retorna como impulso, direção e sentido. O corpo torna-se ponte, coluna viva, canal de passagem onde o visível e o invisível se reconhecem. Mover se torna permitir que o fluxo aconteça, é sustentar o trânsito entre forças sem aprisioná-las, deixando que a vida se reorganize a cada gesto.

Figura 4



Figura 5 - Foto Chris Simmons (2024) - Processo de criação do espetáculo RIO – travessia.

#paratodomundover – Na imagem em preto e branco um homem dançando com as mãos abertas para a lateral, o cotovelo esquerdo apoiado na barriga com a mão caída para baixo, o braço direito apoiado na cabeça de forma que tampe os olhos. Ele veste uma cala e uma camiseta de manga. Ao fundo branco algumas cordas penduradas.

Escrita em fluxo 2

Compasso do passo, reverteio da mente, empolgação da púbis. A criação.

O surgimento do desejo. A travessia da ação, o aglutinar das moléculas, o agitar dos átomos, os corpos cósmicos em torno do vazio.

O vazio grande em torno do vazio. O Nada em nada Pedaco do nada. Com muitos nadas dentro.

Uma festa de nadas. Olho para um lado nada, o outro nada. AZUL

Surgem as Mãos Criadoras. Daí tem lama, poeira, gás, éter.

Da lama, matéria primordial, úmida, escura e fértil, nasce o “Velho do Rio”, figura que é o próprio princípio. Ele brota como flor antiga, silenciosa e esplendorosa, carregando no corpo a memória do tempo e o brilho de quem atravessou muitas margens. Sua presença lembra uma divindade antiga, aquele que caminha devagar porque carrega o mundo nos passos.

Do “Velho”, vem a “Criança”, a “Mulher”, a “Serpente” e o “Touro”. Talvez não nessa ordem. Talvez tudo ao mesmo tempo e no mesmo espaço. Cíclico. Em espiral.

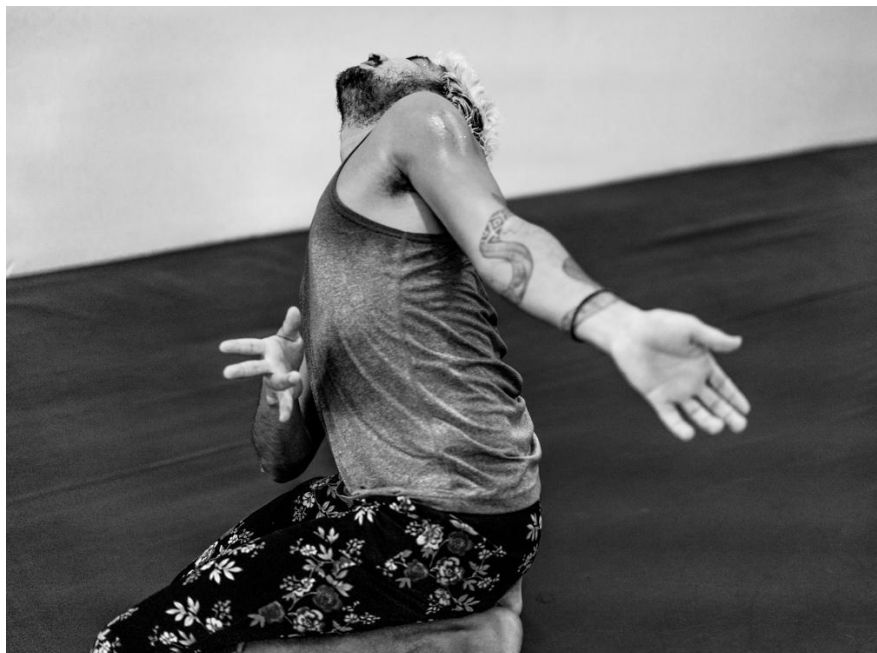
A “Criança” carrega um gesto antigo, como se seus movimentos viessem de um tempo anterior à pressa e à forma. Ao se inclinar para o chão, ela reconhece na terra úmida não apenas um lugar de apoio, mas um ventre. Toca o sino. Suas mãos que tocam a lama repetem um saber ancestral, aquele que molda a vida a partir da matéria densa, silenciosa e paciente.

A “Mulher” vem gestando um novo tempo, trazendo desde a terra, a lama e construindo a ligação com o céu. Surge como força de atração e criação. Ela emerge da terra e da lama, infiltra-se entre as pedras, contorna os obstáculos, umedece o chão ao redor.

A “Serpente” vem espalhando a criação, empurrando o vazio, abrindo espaço para existência. Serpenteando pelo universo desenhando as geometrias, os caminhos, o rio cósmico. Sua língua como potência espalha no todo suas múltiplas verdades.

O “Touro”! O olhar atravessa. Perfura o espaço como lâmina lenta, abrindo caminho antes mesmo do corpo se mover. Onde ele fixa os olhos, o ar se adensa, o tempo se contrai. Não há dispersão possível, o foco é absoluto, quase mineral.

Criou-se, pouco a pouco, um trajeto. Deitado, olhar percorre de mão a mão. Sentido o apoio da cabeça deslizar no chão. No percurso, o corpo edifica sua relação com a presença, aprendendo a estar antes de agir, a sustentar o tempo do movimento. Desde o chão, a escuta nascia: os pés reconheciam a matéria, os apoios se reorganizavam, o peso encontrava direção, e o olhar começava a desenhar o espaço ao redor, abrindo linhas invisíveis por onde o movimento podia passar.



#paratodomundover – Na imagem em preto e branco uma foto de um homem ajoelhado dançando com as mãos viradas para o fotógrafo, a cabeça levemente inclinada para trás, veste uma calça florida e uma camiseta regata.

Escrita em fluxo 3

O tempo percorreu pelo espaço e tudo se fez. O tempo delimita o espaço, o espaço delimita o tempo e tudo se faz. O rio percorre de cima para baixo.

Em cima e em baixo. Olho pro céu e vejo cima e baixo, vejo passado e futuro.

Vejo eu. O outro. Vejo o oceano. Vejo a imensidão.

De cima e de baixo. No meio e no lado. Centro, meio, núcleo. Quente, magma, gosma, fluidez.

Giro giro giro cósmico. 2 corpos. 1 corpo girando

O corpo atravessa o animal, convoca forças antigas, costura a densidade da terra com a aspiração do céu. Desde o chão sobe descobrindo o espaço, percebendo os apoios, pesos e olhares. Passa-se pelo animal construindo as relações da terra com o céu. Percorre galáxias com seus movimentos espiralados. Tirar e enfiar o pé no barro. Vira barro, seca, craquela. E morre.

Quando o corpo já estava atravessado por experiências de morte, escuta, lama, silêncio e renascimento, a narrativa de *Uala- o amor*⁶ apareceu como um espelho sensível, confirmando aquilo que já estava sendo vivido no corpo. A história do jovem indígena que se relaciona com o rio como parente, amigo, corpo vivo, ressoou profundamente com a investigação que vínhamos construindo.

A leitura deste livro intensificou algo que já estava latente no processo: a percepção de que falar do rio é falar de relação. Amar o rio a ponto de sofrer com ele, a ponto de se mover por ele, a ponto de não aceitar sua morte como algo distante. Essa dimensão afetiva atravessou o “acontecimento” como um eixo invisível, sustentando escolhas de tempo, densidade, silêncio e presença.

De cima da árvore, mergulhou fundo. Com a respiração retida no peito, abriu os olhos dentro d'água e contemplou no leito do rio, as pedras contorcendo-se numa dança fluida, insinuante. Sentia o corpo chocolate deslizar dentre a massa líquida removida por teus braços musculosos.
(BETTO, 2014, p. 05)

O caminho não apontaria para um lugar de chegada. Ele é infinito. O rio ao chegar no mar, se junta ao infinito de evaporações e chuvas. É o desejo de seguir que sustenta o movimento.

Na morte do rio, vi a mim mesmo em processo de esgotamento. Um corpo que definha, que seca por dentro, marcado por vazios e fendas. Ossos expostos, olhos escancarados, a língua pedindo água. A imagem do rio morto espelhava algo que já havia atravessado minha própria carne.

Aproximo o ouvido do chão confiando num segredo ancestral. Escuto a água trabalhando em silêncio, infiltrando-se entre as pedras, umedecendo a terra por dentro. O solo seco, antes rígido e craquelado, começa a ceder, a amolecer, a se tornar lama. E na lama, esse território entre forma e dissolução, a vida encontra passagem. O que estava endurecido se abre. O que parecia morto vai se tornando fértil. A água insiste até que o chão aprenda a recebê-la.

⁶ BETTO, Frei. *Uala, o amor*. Ilustrações de Mauricio Negro, São Paulo: FTD, 2014.

Com as águas retornando era motivo de celebração. Uma dança-festa. O ápice do acontecimento. O corpo, agora atravessado por essa nascente, deixa de conter e passa a irradiar. Brilha, reluz, expande. A energia se espalha em todas as direções, penetra o espaço, convoca o entorno. Saltos que rasgam o ar, giros que redesenham o tempo, a coluna como eixo vivo, o quadril como centro pulsante. A água em festa, o corpo em estado de rio.

Figura 7

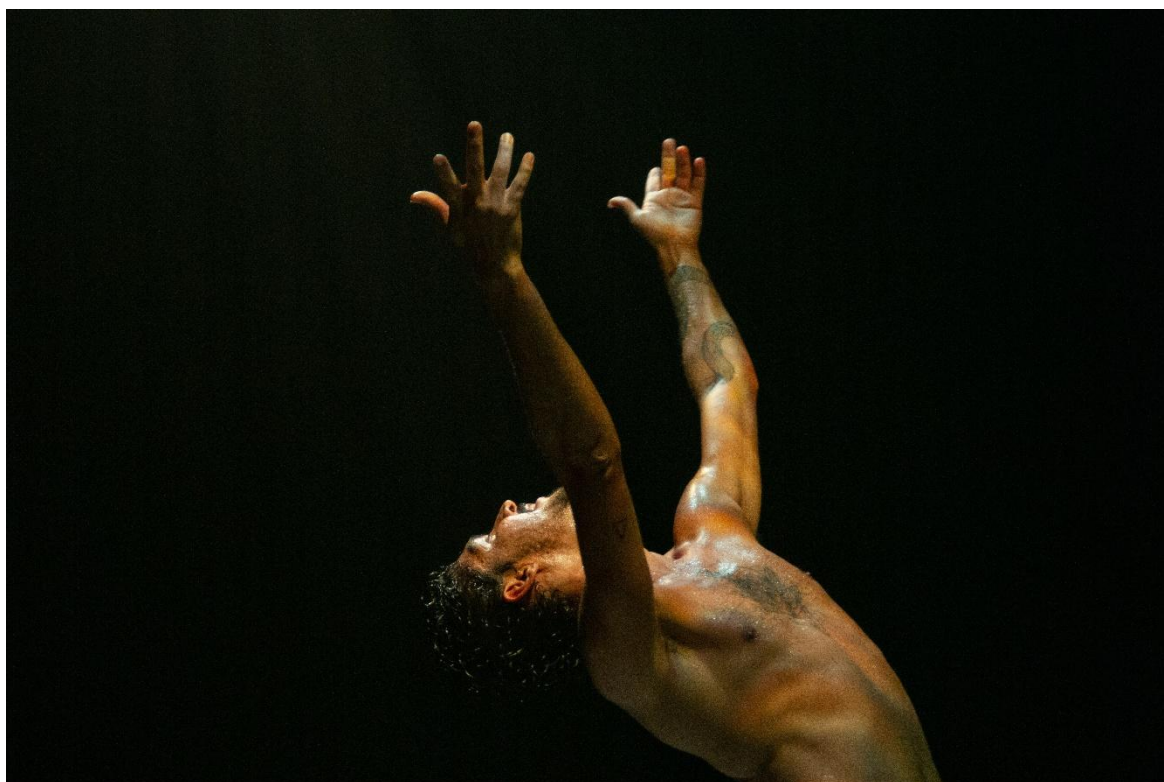


Figura 7 - Foto: Thaneressa Lima (2024) - Espetáculo "RIO – travessia", apresentado na sede da Trupe de Truões em novembro de 2024.

#paratodomundover – Na imagem fotografia com um homem dançando sem camisa e molhado com os braços para cima, a coluna e a cabeça levemente inclinada para trás.

"O corpo saúda as água."

Ao fim, era tempo de entregar. Permitir que tudo o que foi vivido se recolhesse no corpo e no tempo, tornando-se memória pulsante, ritmo assentado. Deixar que o peso do percurso desça, que se transforme em margem, que afunde até a base do rio e se acople à terra. Assim um novo leito se forma para que o rio continue a passar.

Entregar para reconhecer o tempo justo de cada coisa. Aceitar o retorno ao princípio como reencontro com a origem do "acontecimento", com a pulsação primeira

que organiza a vida. No retorno, o corpo aprende a estar, a sustentar o intervalo entre o fazer e o deixar ser, entre o fluxo e o silêncio. O rio segue, apoiado na terra que ele próprio ajudou a criar, e o corpo permanece em presença, disponível para reconhecer, novamente, o momento exato em que o movimento deve re-nascer.

“O rio é vida do ser”.

Figura 8



Figura 8 Flyer de divulgação feito por Folksonomias, do espetáculo RIO-travessia

#paratodomundover – Na imagem um flyer de divulgação constando os dias das apresentações do espetáculo RIO – travessia, uma breve ficha técnica curta e os apoiadores na parte baixa.

Referências Bibliográficas

ANA, Kifouri – Forças de um corpo vazado/ 1ed. – Rio de Janeiro: 7 letras: PUC – Rio, 2019.

BETTO, Frei. **Uala, o amor**. Ilustrações de Mauricio Negro, São Paulo: FTD, 2014.

BHAGAVAD GITÃ/ Krysna Dvaipayana Vysãsa: tradução e notas por Carlos Eduardo G. Barbosa – São Paulo: Mantra, 2018.

BONDER, Nilton, 1957 – **Cabala e a arte de presenciar o ritmo: presenciando o momento, a duração, a mudança e o fim**/ 1. Ed. – Rio de Janeiro: Rocco 2023.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAC, Ailton. **Futuro Ancestral** / 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Tres iniciados, 1862 – 1932. **O Caibalion: estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia/ Três iniciados**; tradução Rosabis Camaysar. – 2. Ed. – São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2021.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 2005.